

Entre pais e filhos: a questão da culpa pelo passado em Bernhard Schlink

Gabriela Gomes de Oliveira¹

Resumo: O passado histórico da Alemanha figura não apenas em textos de caráter biográfico, mas também em produções ficcionais que objetivam lançar um olhar singular para diversos fatos reais que penetram na história do país. Os horrores do Holocausto, das duas Guerras Mundiais, a questão da divisão da Alemanha e da Queda do Muro de Berlim são eventos que perpassaram, e ainda perpassam, várias gerações que vivenciaram ou que questionam o desenrolar desses acontecimentos. A literatura surge, deste modo, como um dos meios que promovem não somente a discussão sobre as diferentes formas de lidar com esse passado tão presente, mas antes como uma espécie de palco onde as várias histórias dessas inúmeras gerações ganham voz. Bernhard Schlink parece querer, por meio de uma viagem temporal pelos principais episódios da Alemanha contemporânea, proporcionar a reflexão sobre o passado alemão sob a perspectiva dos filhos e dos pais, dos perpetradores e das vítimas. Desta forma, pretendeu-se, aqui, analisar de maneira breve as relações entre gerações presentes em algumas obras do autor e compreender como elas impactam a questão da culpa e da superação do que se passou naquela sociedade.

Palavras-chave: Bernhard Schlink; Culpa; Memória; Passado.

Zusammenfassung: Die historische Vergangenheit Deutschlands scheint sich nicht nur in Texten mit biografischem Charakter zu bestrafen, sondern auch in Produktionen, die darauf abzielen, einen einzigartigen Blick auf einige reale Tatsachen zu werfen, die die Geschichte des Landes durchdringen. Die Schrecken des Holocaust, die beiden Weltkriege, die Frage der Teilung Deutschlands und des Falls der Berliner Mauer sind Ereignisse, die mehrere Generationen durchdrungen und immer noch durchdrungen haben, die den Verlauf dieser Ereignisse erlebt oder in Frage gestellt haben. Die Literatur tritt somit als eines der Mittel auf, das nicht nur die Diskussion über die verschiedenen Arten des Umgangs mit dieser gegenwärtigen Vergangenheit fördert, sondern als eine Art Bühne, auf der die verschiedenen Geschichten dieser unzähligen Generationen Gehör finden. Bernhard Schlink scheint, durch eine zeitliche Reise durch die wichtigsten Episoden des heutigen Deutschlands, über die deutsche Vergangenheit aus der Perspektive von Kindern und Eltern, Tätern und Opfern nachdenken zu wollen. Es war daher in dem folgenden Beitrag beabsichtigt, die Beziehungen zwischen den in einigen Werken des Autors vorhandenen Generationen kurz zu analysieren und zu verstehen, wie sie sich auf die Schuldfrage auswirken und das Geschehen in dieser Gesellschaft überwinden.

Schlüsselwörter: Bernhard Schlink; Schuld; Gedächtnis; Vergangenheit.

1. Introdução

O escritor austríaco Peter Henisch (1943–) descreve em seu romance autobiográfico *Die kleine Figur meines Vaters* (1975) sua relação, por vezes conflituosa, com seu pai Walter Henisch – fotógrafo da imprensa austríaca que fez carreira como correspondente de guerra e que apoiou com seu trabalho a propaganda nazista. Ao

¹ Mestre em Literaturas Modernas e Contemporâneas – com ênfase na Literatura de Língua Alemã – pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Deutsche Philologie) da Universidade de Colônia, Alemanha, com bolsa de estudos fomentada pelo DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst). gabrielagomes.deoliveira@outlook.com

contar a vida de seu pai, os escritos de Peter parecem evocar um certo tom crítico; representando a figura do indivíduo que se opõe veementemente aos terrores da guerra, e ao mesmo tempo, um olhar sensível; representando, por sua vez, a figura do filho que discorda claramente da posição do pai durante a guerra, mas que não deixa de nutrir um sentimento de carinho por ele. Em certo momento da narrativa, Peter coloca em discussão a identidade do progenitor a fim de descobrir a sua própria. “Eu quero saber quem ele é, para que fique claro quem sou eu”². A busca da imagem paterna se dá, portanto, por meio de uma reflexão sobre o passado e a tentativa de compreensão do presente. Será o filho também culpado pelos atos cometidos por seu pai durante aquele período? Essa sensação de incerteza que ronda o protagonista parece ser a mesma que atravessou as gerações do pós-guerra.

O romance de Henisch, publicado trinta anos após o fim da Segunda Guerra Mundial e, por conseguinte, pertencente à uma das primeiras gerações posteriores aos fatos, poderia ser lido como um significativo ‘apelo’, sob o viés literário, de filhos e filhas que procuram por respostas. Também vários outros autores se ocuparam dessa temática, como é o caso de Peter Härtling em *Nachgetragene Liebe* (1980), Brigitte Schwaiger em *Wie kommt das Salz ins Meer?* (1977), Christoph Meckel em *Suchbild: über meinen Vater* (1980) e, mais recentemente, Bernhard Schlink. Jurista e escritor, Schlink nasceu em 1944 na cidade de Bielefeld, Alemanha, e ocupou o cargo de professor de direito e filosofia na Universidade Humboldt de Berlim. Escreveu livros de teor jurídico, mas se tornou conhecido após a publicação de seu romance “O leitor”, que ganhou adaptação fílmica em 2008 e foi traduzido para cerca de 45 línguas. Segundo Galle (2007, p. 153), o livro constitui “o maior êxito internacional da literatura alemã desde “O tambor de lata”, de Günter Grass, e “O perfume”, de Patrick Süskind”.

Pretende-se, aqui, realizar uma breve leitura de quatro obras de Bernhard Schlink a fim de identificar como são construídas as relações e os conflitos entre a geração que vivenciou períodos de guerra e de instabilidade política e social com aquela posterior. Para tanto, nos debruçaremos sobre a análise de “O leitor” (2009), originalmente publicado em 1995 com o título, em língua alemã, *Der Vorleser*, “A volta para casa” (2009), em alemão *Die Heimkehr* (2006), “O fim de semana” (2010), em alemão *Das Wochenende* (2008) e *Olga* (2018).

² *Ich möchte wissen, wer er ist, um mir darüber klar zu werden, wer ich bin* (HENISCH, 1975, p. 9).

2. Passado, presente e futuro: memórias que atravessam gerações

O romance “O leitor” (2009) se passa no período pós Segunda Guerra Mundial e conta a história do jovem Michael Berg, naquela época com 15 anos de idade, que vive um romance com Hanna Schmitz, 21 anos mais velha. Após o desaparecimento de Hanna, Michael, então estudante de Direito, volta a reencontrá-la no tribunal. Durante a Guerra, ela fora guarda de um campo de concentração e era julgada por ter contribuído para a morte de dezenas de pessoas. Conforme Ramalheira (2015, p. 373), Hanna representa a *Tätergeneration* (geração dos perpetradores) e Michael pertence à Geração de 1968, a primeira geração do pós-guerra, os *Nachgeborenen*. Pode-se dizer que o romance levanta questões sobre o conflito de gerações na Alemanha, uma vez que Michael se depara, por um lado, com Hanna e seus atos cometidos durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto guarda da SS, e, por outro, sente-se condenado “a ter de lidar com um passado recente traumático que envolvia toda uma nação” (RAMALHEIRA, 2015, p. 373).

Alguns tinham estado na guerra, entre eles dois ou três oficiais da Wehrmacht e um oficial da Waffen-SS, alguns poucos fizeram carreira no Judiciário ou na administração, tínhamos professores e médicos entre nossos pais, e um de nós tinha um tio que fora alto funcionário no Ministério do Interior. Estou certo de que eles, até onde lhes perguntamos e nos responderam, tinham coisas totalmente diferentes para contar (SCHLINK, 2009, p. 103).

O fragmento acima destaca o papel dos pais dos alunos do curso de Direito, o qual Michael frequentava. Os *Nachgeborenen* parecem se colocar em posição de questionamento, mas, ao mesmo tempo, precisam aprender a lidar com a “longa sombra do passado” nacional-socialista, de que fala Aleida Assmann (2011)³. De acordo com Correia (2014, p. 13-14), “os *Nachgeborenen*, encontram-se numa posição estranha dentro do grupo, onde se sentem, ainda assim, parte integrante e portadores da respectiva identidade”. O que as gerações posteriores deveriam fazer? O que as gerações anteriores poderiam ter feito? Essas questões, dentre outras, permeiam todo o romance. Hanna Schmitz, perguntada se não saberia agir de outro modo, libertando as

³ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

prisioneiras da igreja onde ocorria o incêndio que lhes tirou a vida, respondeu ao juiz: “– O que o senhor teria feito?” (SCHLINK, 2009, p. 124).

Ao mesmo tempo me pergunto e já me perguntava naquela época: o que a minha geração deve e deveria fazer com as informações sobre as atrocidades do extermínio dos judeus? Não devemos ter a pretensão de compreender o que é incompreensível, não temos o direito de investigar, porque quem investiga, mesmo sem colocar nas perguntas as atrocidades, faz delas objeto da comunicação, não as tomando como algo diante do que só se pode emudecer, horrorizado, envergonhado e culpado. Devemos apenas emudecer, horrorizados, envergonhados e culpados? Com que fim? Não que o ímpeto da revisão e do esclarecimento em que eu tomara parte no seminário simplesmente tivesse se perdido. Mas uns poucos sendo julgados e condenados, e nós, a geração seguinte, ficando mudos, horrorizados, envergonhados e culpados – devia ser assim? (SCHLINK, 2009, p. 115-116).

Nesta passagem, percebe-se que as perguntas acima referidas possuem grande relevância ao longo do romance. Não é possível esquecer o passado, o que ocorreu com milhares de judeus e outros povos, durante o Holocausto, não cairá no esquecimento. Entretanto, o dilema alemão da *Vergangenheitsbewältigung*, isto é, “a reconciliação com o passado” ou “a superação do passado” parece presente na obra de Schlink. O próprio autor afirma em seu artigo *Die Bewältigung von Vergangenheit durch Recht* (2002) ser impossível o esquecimento definitivo do passado. Segundo ele, “daß in Deutschland [...] der findende Begriff der Vergangenheitsbewältigung gebräuchlich geworden ist, offenbart Sehnsucht nach Unmöglichem: das Vergangene so in Ordnung zu bringen, daß seine Erinnerung nicht mehr auf der Gegenwart lastet” (SCHLINK, 2002, p. 89)⁴. Quando Michael questiona o que sua geração poderia fazer frente aos perpetradores com quem, muitas vezes, possuem laços afetivos estreitos, e suas consequentes atitudes durante o regime nazista, nota-se que “a superação do passado” e a tentativa de “colocá-lo em ordem” parecem distantes de uma resolução permanente. O sentimento de culpa aparenta rondar as gerações dos *Nachgeborenen*, assim como a geração daqueles que mantêm relação de proximidade com indivíduos que realizaram ações políticas ou sociais consideradas criminosas, a exemplo de “O fim de semana” (2010).

⁴ na Alemanha [...] o conceito de *Vergangenheitsbewältigung* (de reconciliação com o passado ou superação deste) que tornou-se comum, revela um desejo pelo impossível: colocar o passado em ordem para que sua memória não pese mais sobre o presente. [minha tradução]

Jörg é um antigo integrante da *Rote Armee Fraktion* (Fração do Exército Vermelho), uma organização guerrilheira de extrema-esquerda, que foi fundada na antiga Alemanha Ocidental em 1970. Foi considerado um dos mais significativos grupos extremistas do Oeste Europeu, depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Após passar 24 anos preso, acusado de terrorismo, Jörg recebe o indulto por essa acusação e deixa o presídio. Sua irmã Christiane reúne amigos em sua casa de veraneio, tendo como objetivo celebrar sua liberdade. O fim de semana marca o encontro dos antigos companheiros de luta que, com o passar dos anos, desistiram da revolução contra o Estado e seguiram carreira em diversas áreas. Os antigos membros da RAF parecem considerar o combate e os conflitos de outrora irrelevantes: “Sim, a luta foi uma bobagem. Mas tudo naquela época era bobagem. A Guerra Fria e os serviços secretos e a corrida armamentista e as guerras quentes na Ásia e na África... quando me lembro de tudo isso, me parece absurdo” (SCHLINK, 2010, p. 49).

Marko, entretanto, planeja que o retorno de Jörg desperte os ideais revolucionários da nova geração, sendo o único a insistir que o companheiro se posicione como o verdadeiro líder que havia sido antes da prisão. “Precisamos de alguém com autoridade. As outras pessoas da Fração do Exército Vermelho vieram de joelhos, chorando, e se arrependeram e se desculparam. Não é o seu caso. Você não faz ideia da autoridade que possui” (SCHLINK, 2010, p. 65). A insistência de Marko evoca, nos outros ex-membros da RAF, a lembrança do passado que muitos queriam esquecer. Mais uma vez, a temática da obra de Schlink gira em torno do “não esquecimento” do passado, tido como uma instância em constante retorno que, ao mesmo tempo, reflete a imagem do presente como uma “longa sombra” do que se passou. A revolução vivida por todos, mas apagada por muitos, abre espaço para outro conceito central nos romances do autor: *Gedächtnis* (memória).

Jedes individuelle Gedächtnis konstituiert sich in der Kommunikation mit anderen. Diese anderen sind aber keine beliebige Menge, sondern Gruppen, die ein Bild oder einen Begriff von sich selbst, d. h. ihrer Einheit und Eigenart haben und dies auf ein Bewußtsein gemeinsamer Vergangenheit stützen (ASSMANN, 1988, p. 10)⁵.

⁵ Cada memória individual é constituída em comunicação com os outros. Esses outros, no entanto, não são um conjunto arbitrário, mas grupos que têm uma imagem ou conceito de si mesmos, isto é, sua unidade e individualidade que se baseiam em uma consciência de um passado comum. [minha tradução]

O passado comum compartilhado pelos antigos companheiros de Jörg constitui a imagem que esse grupo tem de si e, com isso, sua própria “memória individual”. Dito de outra forma, o fato de terem participado juntos de ações revolucionárias fomenta a constituição de uma memória partilhada entre os componentes desse grupo. As experiências individuais de cada sujeito, entretanto, parece ser o que difere a recepção e o posicionamento diante dessa memória. Fato é que quase todos os ex-revolucionários optaram por viver longe da RAF e buscar outras maneiras de conduzir a vida, tal foi o impacto particular que essa “memória individual” causou a cada um deles. A experiência comum do grupo, que forma sua *individuelles Gedächtnis* indiscutível, segundo Assmann (1988, p. 13), se difere daquela compartilhada por toda uma nação, como é o caso, por exemplo, da Segunda Guerra Mundial e dos horrores do Holocausto. O autor ainda pontua que, além da “individual”, a “social” também figura entre as principais formas de memória: “sie untersucht die Gedächtnisfunktion der Kultur, ihrer Institutionen und symbolischen Formen” (ASSMANN, 1988, p. 13)⁶.

A função da memória em dada cultura pode ser percebida no romance no momento em que o filho de Jörg acusa os ex-revolucionários de não serem tão dessemelhantes aos antigos soldados da SS. “Vocês não são diferentes. Como seria? “Você se lembra de como matou aquela mulher durante o assalto ao banco? Ou o policial na fronteira? Ou o gerente do banco? Ou o presidente da confederação empresarial?” (SCHLINK, 2010, p. 178). O passado nazista da história alemã permanece na memória da sociedade e da cultura. A forma simbólica da memória se deu, nesse caso, na comparação entre os perpetradores do Holocausto e os do terrorismo do pós-guerra, demonstrando que o conceito de *Vergangenheitsbewältigung* (“a reconciliação com o passado”) retorna como temática constante. São visíveis as marcas deixadas pelo nacional-socialismo e pelo terrorismo da RAF na Alemanha, principalmente com relação a gerações posteriores. O filho de Jörg, por exemplo, revoltado com as atitudes do pai à época da revolução, expressa seus pensamentos e sentimentos de uma maneira que lembra o posicionamento dos *Nachgeborenen*.

Você é incapaz para sentir a verdade e a tristeza, tanto quanto os nazistas. Você não é um tiquinho melhor do que eles quando assassina pessoas que nunca lhe fizeram nada e depois não compreende o que

⁶ Ela examina a função de memória da cultura, suas instituições e formas simbólicas. [minha tradução]

fez. Vocês se rebelaram contra a geração de seus pais, a geração dos assassinos, mas se tornaram iguais (SCHLINK, 2010, p. 179).

O conflito geracional visto em “O leitor” (2009) reaparece em “O fim de semana” (2010), seguido da reflexão acerca do passado e do sentimento de culpa. A geração que vivenciou o peso deixado pelo Holocausto, não deveria, segundo o filho de Jörg, render-se a atos criminosos. Nesse momento, os fatos que permanecem na memória cultural da Alemanha, como é o caso dos horrores da Segunda Guerra Mundial, retornam sob a perspectiva das gerações futuras, representadas pelo jovem Ferdinand. Agora, o mal perpetrado é o terrorismo. A percepção do bem e do mal, por sua vez, figura entre um dos principais temas da obra “A volta para casa” (2009) que, como as demais, também retoma os embates entre a *Tätergeneration* e os *Nachgeborenen*. Peter Debauer, nascido em 1945, é bacharel em Direito e trabalha em uma editora de livros jurídicos. Quando criança, passava férias com os avós paternos na Suíça, onde se deparou com o manuscrito de um romance sobre um soldado que retorna da guerra.

Durante anos, ele imaginou que seu pai fora morto durante a Segunda Guerra Mundial, mas, ao buscar as origens do manuscrito, encontra a partir daí sua própria origem. Alguns momentos importantes da história da Alemanha, como o pós-guerra e a reunificação das Alemanhas com a Queda do Muro de Berlim, atravessam o romance. Conforme Ventura (2009, p. 140-141), a “própria existência civil [de Peter] é questionada, evidenciando a teia de mentiras tão comum de ser tecida em tempos de guerras, em que documentos e pessoas se perdem e as últimas podem desejar reaparecer com uma nova identidade”. A busca pelo passado e pela identidade intercala-se às diversas ocorrências históricas porque passou a Alemanha entre 1945 e 1990. As discussões sobre mentira e verdade, sobre bem e mal e sobre culpa ocupam também um lugar de destaque na obra.

Encontrei capítulos sobre o papel da verdade e da mentira, do racionalismo e da ideologia no direito. Muitas vezes as verdades eram mentiras e as mentiras eram verdades, e, quando o racionalismo destrói a visão de mundo de uma ideologia, está criado o espaço para outra. Isso não quer dizer que não existam verdades e mentiras, mas que nós criamos as verdades e as mentiras e que a decisão do que é verdadeiro e do que é falso precisa ser de responsabilidade individual. Também temos de decidir individualmente sobre o bem e o mal, e se o mal pode ficar vagando livremente ou se precisa agir a

serviço do bem. Isso não quer dizer que tomemos essa decisão livremente (SCHLINK, 2009, p. 258).

Ao entrar em contato com seu verdadeiro pai, que se tornou professor universitário e constituiu família – escondendo-se do seu passado na época da Segunda Guerra Mundial e do seu contato com importantes oficiais nazistas –, Peter lê um texto científico do pai e se depara com um discurso sobre o papel da verdade, da mentira, do bem e do mal na sociedade. O personagem infere que o pensamento do pai apenas serve para livrá-lo da culpa por ter desaparecido e o abandonado, e por ter participado da guerra ao lado dos nazistas. Essas oposições, vistas por outro ângulo, parecem acentuar a emergência da unificação alemã, eliminando o caráter bom ou mal do lado oriental e do lado ocidental para, enfim, alcançarem algo comum.

Não há espaço para bons e maus – para Ocidente e Oriente contrapostos e sim para a mais do que desejada, imprescindível reunificação, que pode dar sentido às existências individuais e reconstruirá o tecido social já fragmentado pela Segunda Guerra e renovadamente roto pela divisão drástica simbolizada pelo Muro (VENTURA, 2009, p. 143).

A partir dessas considerações, nota-se a necessidade de averiguar o papel que essas dicotomias desempenham nas obras de Schlink. A fragmentação emocional, social e territorial, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, está presente nas três obras até aqui mencionadas. A divisão a que se refere a passagem acima, o Muro, é representada também pelo sentimento de culpa que rodeia as gerações seguintes à Guerra, assim como o conflito que separa gerações que viveram a violência do nazismo e dos grupos extremistas, como a RAF. A própria questão da identidade, ou da falta dela, presente em “A volta para casa” (2009), demonstra o impacto que um estado de exceção pode causar em uma sociedade, fazendo da memória um mecanismo de recuperação do passado e, ao mesmo tempo, de reflexão. A culpa pelo passado se faz presente nos pensamentos de Peter. “Mas percebi que tinha topado novamente com a regra de ferro, que não era outra coisa senão a disponibilidade de se expor ao mal como justificativa para aplicá-lo” (SCHLINK, 2009, p. 259). A regra de ferro, teoria cunhada pelo pai e professor, desperta no filho a sensação de repúdio. Ele culpa o pai por suas atitudes no passado, por suas mentiras e enganos, e desqualifica o conceito, dizendo que este apenas serve para justificar atos maldosos.

When we speak of guilt about the past, we are not thinking about individuals, or even organisations, but rather a guilt that infects the entire generation that lives through an era – and in a sense the era itself. Even after the era is past, it casts a long shadow over the present, infecting later generations with a sense of guilt, responsibility and self-questioning (SCHLINK, 2009, p. 1)⁷.

A culpa da qual fala Schlink pode ser notada no posicionamento de Peter, que acusa o pai, dentre outras coisas, de querer justificar seu envolvimento com o nazismo ao recorrer a conceitos e situações criados por ele. Também este sentimento permeia os atos de Michael, quando este se culpa pela afeição que carrega por Hanna e se questiona sobre o que sua geração deveria fazer com as informações sobre a época do Holocausto. Ferdinand, filho de Jörg, culpa o pai pelo assassinato de inocentes e por não sentir remorso por seus atos, enquanto membro da RAF. Sendo assim, a assertiva de Schlink sobre o peso da culpa pelo passado que atravessa gerações, parece ser comprovada em seus próprios romances. Os conflitos geracionais apontados até aqui aparentam ir de encontro com o que Galle (2007, p. 159) denomina “ruptura” entre gerações. Segundo ele, “a ruptura era necessária para que os fatos atrozos em sua inteira complexidade viessem à tona”, também “para estabelecer um discurso político que permitisse detectar e combater qualquer tendência suspeita a criar situações análogas ao “Terceiro Reich” ” e, finalmente, a ruptura “era necessária por razões da identidade coletiva daquela geração que não podia se basear na identificação com os atores de um crime de tal dimensão (GALLE, 2007, p. 159-160).

Em seu livro mais recente e ainda sem tradução para o português, *Olga* (2018), Bernhard Schlink parece trabalhar a questão da culpa ou da superação do passado por ângulos um pouco distintos. O romance narra a história de uma menina nascida em condições precárias, que logo cedo perde os pais. Decidida a se tornar professora primária, Olga luta contra os preconceitos de seu tempo e se dedica aos estudos. “Sie sah stolz aus; vielleicht war sie stolz, weil sie anders war als die anderen jungen Frauen und nicht nur Mode und Männer im Kopf hatte” (SCHLINK, 2018, p. 48)⁸. O romance se passa do final do século XIX até a década de 1970, de modo que a protagonista,

⁷ Quando falamos de culpa sobre o passado, não estamos pensando em indivíduos, ou mesmo em organizações, mas sim em uma culpa que infecta toda a geração que vive em uma era - e, em certo sentido, na própria época. Mesmo depois que a era é passada, ela lança uma longa sombra sobre o presente, infectando gerações posteriores com um sentimento de culpa, responsabilidade e autoquestionamento. [minha tradução]

⁸ Ela parecia orgulhosa; talvez ela estivesse orgulhosa, pois ela era diferente das outras mulheres jovens e não pensava apenas em moda e em homens. [minha tradução]

alcançando uma idade extremamente avançada, vivencia alguns dos principais acontecimentos da história alemã como o *Kaiserreich*, a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais e o pós-guerra.

“Olga” ist nicht nur die Biografie einer willensstarken Frau, sondern auch eine Liebesgeschichte und ein Stück Zeitgeschichte. Wir erfahren von Bismarck, Weimarer Republik und Nazizeit, von zwei Weltkriegen, Nachkriegsdeutschland und den folgenden Jahren. Mehrfach lässt Schlink Olga über die fatale deutsche Neigung sinnieren, “alles zu groß” zu wollen, ein brandgefährlicher Größenwahn, an dessen Ende zwei Weltkriege stehen (WOLFFHEIM, 2018)⁹.

A história de amor mencionada no fragmento acima se passa entre Olga e Herbert – um homem de espírito aventureiro e conquistador, que se dedica a várias expedições ao continente africano, passando pelas Américas e obcecado pelo continente de gelo: “Deutschlands Zukunft liegt in der Arktis. In dem Land, das dort jungfräulich unter Schnee und Eis schlummert [...], in der Nordostpassage, die Deutschland schnell und leicht mit seinen pazifischen Kolonien verbindet” (SCHLINK, 2018, p. 81)¹⁰. Herbert nunca retornou de sua aventura no Ártico e também nunca assumiu verdadeiramente seu romance com Olga, uma vez que sempre esteve envolvido em suas ambições patrióticas, seja no exército, em missões de guerra ou em viagens expedicionárias. Na ausência de seu amado, Olga dedica seu tempo a Eik; um jovem que ela conhece desde criança e por quem ela nutre um grande carinho. Assim como nas obras anteriores, os impactos da Segunda Guerra Mundial figuram também aqui. Dessa vez, entretanto, a guerra ainda está para acontecer. Quando Olga descobre que Eik se filiou ao NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) e que, logo depois, entrou para a SS (Schutzstaffel ou “esquadrilha de proteção”), sentiu-se atordoada e revoltada. “Sie hatte Eiks Interessen, seine Lektüren, seine Liebhabereien begleitet, hatte über alles mit ihm gesprochen, ihn bei allem gefördert. Und jetzt das?” (SCHLINK, 2018, p. 105)¹¹.

⁹ “Olga” não é apenas a biografia de uma mulher com força de vontade, mas também uma história de amor e um pedaço da história contemporânea. Aprendemos sobre Bismarck, a República de Weimar e a era nazista, sobre as duas guerras mundiais, a Alemanha do pós-guerra e os anos seguintes. Por várias vezes, Schlink faz Olga pensar sobre a tendência fatal alemã de querer “tudo muito grande”, uma megalomania ameaçadora, no final de duas guerras mundiais. [minha tradução]

¹⁰ O futuro da Alemanha está no Ártico. Na terra que repousa, virgem, sob neve e gelo [...], na passagem nordeste, que conecta a Alemanha de maneira rápida e fácil com suas colônias do Pacífico. [minha tradução]

¹¹ Ela acompanhara os interesses de Eik, suas leituras, seus passatempos, conversando com ele sobre tudo, encorajando-o em tudo. E agora isso? [minha tradução]

Pode-se dizer que o processo de “ruptura entre gerações” se passa de maneira inversa no romance, isto é, dessa vez é a geração anterior – a de Olga – que parece romper relações, criticar e questionar a geração posterior – a de Eik. Conforme Correia (2014, p. 11), “à medida que o tempo passa e os acontecimentos se sucedem uns aos outros, velhas gerações são substituídas por novas que devem assumir a história que lhes foi deixada pelos seus antecessores”. A substituição da geração ‘velha’ pela ‘nova’, neste caso, surge como a causa dos problemas. “Und auf den Ersten Weltkrieg würde ein Zweiter folgen“ (SCHLINK, 2018, p. 106)¹². Enquanto Olga se posicionava contra a ideologia do Partido Nacional-Socialista, Eik – talvez aqui simbolizando toda a sua geração – acreditava que somente o nacional-socialismo poderia salvar o futuro da Alemanha. O desapontamento com relação as atitudes de seu antigo protegido e a invasão nazista no vilarejo onde morava levaram a protagonista a perder a audição. Olga estava surda. “Sie war froh, dass sie die Lautsprecher nicht mehr hörte. Mit den Nazis war die Welt laut geworden; sie hatten überall Lautsprecher installiert, aus denen immer wieder Reden und Märsche und Aufrufe dröhnten und einen verfolgten“ (SCHLINK, 2018, p. 108)¹³. Os sons da vida parecem emudecer em tempos de guerra.

Anos após o conflito, Olga encontra trabalho como costureira em uma casa tradicionalmente alemã. Nesse momento da narrativa, Schlink retoma a questão dos posicionamentos das gerações na Alemanha a partir de 1945, mas, desta vez, será a geração posterior novamente a questionar a atitude da geração anterior. Um dos filhos da família que, ao longo do romance, se torna muito próximo a Olga, relata certas dificuldades ao lidar com o pensamento e com as repreensões dos pais: “Als ich älter wurde, begannen die Konflikte mit meinen Eltern, besonders mit meiner Mutter. Ich las die falschen Bücher und sah die falschen Filme, meine Freunde trugen Nietenhosen, rauchten und tranken Alkohol [...]” (SCHLINK, 2018, p. 127)¹⁴. É possível perceber um comportamento de revolta do filho frente às inúmeras críticas dos pais e, pela primeira vez até aqui, é a figura materna a ganhar destaque diante da situação conflituosa que se passava em meados de 1950.

¹² E a Primeira Guerra Mundial seria seguida por uma Segunda. [tradução minha]

¹³ Ela estava feliz por não ouvir mais os alto-falantes. Com os nazistas, o mundo ficou barulhento; instalaram alto-falantes em todos os lugares, dos quais discursos, marchas e chamadas eram ouvidos repetidas vezes e perseguiam. [minha tradução]

¹⁴ Quando eu fiquei mais velho começaram os conflitos com meus pais, especialmente com a minha mãe. Eu lia os livros errados, assistia aos filmes errados, meus amigos vestiam calça de brim, fumavam e consumiam álcool. [minha tradução]

Als ich auch noch begann, an Adenauers Politik zu zweifeln, für die meine Eltern Wahl um Wahl stimmten, und mit ihnen darüber reden wollte, sah mein Vater von mir die Welt angegriffen, die er nach den Furchtbarkeiten des Nationalsozialismus mit aufgebaut hatte (SCHLINK, 2018, p. 128)¹⁵.

Após ter vivido os horrores da Segunda Guerra, os pais temem que os filhos façam escolhas erradas e que o mundo por eles construído caia novamente em ruínas. De acordo com Assmann (1988, p. 16), existem diferentes formas e funções no ato de rememoração do passado. “Die einen erinnern sich an die Vergangenheit aus Angst, von ihrem Vorbild abzuweichen, die anderen aus Angst, sie wiederholen zu müssen” (ASSMANN, 1988, p. 16)¹⁶. É notório que, nesse caso, o medo permeia as lembranças da guerra vivida pelos pais. Estes que tentam controlar os atos e as escolhas dos filhos para que nada esteja ‘fora de lugar’, de modo a garantir que erros, como aqueles que ocasionaram tempos de terror, não se repitam. Os filhos, por sua vez, não se sentem livres para debater determinados assuntos e se posicionar diante das imposições de seus progenitores. Segundo Correia (2014, p. 54), “a culpa do passado não é individual ou de gerações, mas sim algo que se sente a um nível geracional”. Talvez seja interessante acrescentar também a ideia de ‘medo do retorno do passado’, uma vez que o posicionamento dos pais narrados em *Olga* (2018) parece pautar-se antes no receio de que o passado sombrio renasça a partir do ‘possível’ comportamento errôneo de seus filhos.

3. Algumas considerações

Adentrar o universo da *Vergangenheitsbewältigung* é uma tarefa ainda repleta de lacunas que talvez nunca sejam totalmente preenchidas. A obra de Bernhard Schlink, por vezes criticada no âmbito da germanística dentro e fora da Alemanha, oferece um material literário e jurídico amplo que nos permite obter uma visão – mesmo que a do próprio autor, pertencente à geração pós 1945 – sobre relações familiares e sociais, construídas sob o viés da ficção, que atravessam diferentes momentos turbulentos da história da Alemanha. Conforme Galle (2007, p. 163), “para o resto do mundo, a

¹⁵ Quando eu também comecei a duvidar das políticas de Adenauer, a favor das quais meus pais votaram nas eleições, e queria conversar com eles sobre isso, meu pai me viu atacando o mundo que ele havia ajudado a construir após os horrores do nacional-socialismo. [minha tradução]

¹⁶ Alguns se lembram do passado por medo de abandonar seu exemplo, outros por medo de repeti-lo. [minha tradução]

Alemanha tem que assumir a herança da culpa. Isso provavelmente exige uma reconsideração das relações intergeracionais [...]”. Reconsiderar as relações intergeracionais parece convergir com o que Schlink nos apresenta nas quatro obras aqui brevemente analisadas. Não se trata, porém, de reconsiderar no sentido outro que a palavra permite, ou seja, arrepender-se ou recuar. Mas sim, apoiar-se no terceiro sentido do verbo: repensar. Assim como Peter Henisch rememorou, por meio de seu romance autobiográfico, toda a vida de seu pai, a fim de tentar compreender seus atos, Michael, de “O leitor”, Ferdinand, de “O fim de semana” e Peter, de “A volta para casa” necessitaram reconsiderar (repensar) as ações de seus pais e de pessoas próximas para confrontá-las.

Dessa maneira, a *Tätergeneration* e a geração dos *Nachgeborenen* parecem em constante conexão; seja porque são relações entre pais e filhos, seja porque são relações de um indivíduo nascido em uma geração que questiona o posicionamento da geração anterior – ou posterior, como no caso de Olga e Eik. A “reconsideração das relações intergeracionais”, portanto, surge como um fio condutor que transmite os acontecimentos sociais, históricos e políticos de um tempo a outro, fazendo com que o passado sempre se encontre com o presente e com o futuro. Repensar as relações entre gerações parece traçar um caminho para a ininterrupta presença do passado, uma vez que sempre haverá uma geração predecessora e uma seguinte na evolução da sociedade. “Aber was geschehen ist, ist geschehen. Das Vergangene ist unerreichbar und unveränderbar” (SCHLINK, 2002, p. 89)¹⁷.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. **Der lange Schatten der Vergangenheit: Erinnerungskultur und Geschichtspolitik**. München: Verlag C. H. Beck, 2006.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Unicamp, 2011.

ASSMANN, Aleida. **Vier Formen des Gedächtnisses**. *Erwägen-Wissen-Ethik*, Paderborn, v. 13, n. 2, p. 183-190, 2002.

ASSMANN, Jan. *Kollektives Gedächtnis und kulturelle Identität*. In: ASSMANN, Jan; HÖLSCHER, Tonio (Orgs.). **Kultur und Gedächtnis**. Frankfurt: Suhrkamp, 1988. p. 9-19.

CORREIA, Susana dos Santos. **“Was hätten Sie denn gemacht?”: pós-memória, culpa e perdão em Der Vorleser, de Bernhard Schlink, e Liliths Töchter, de Anselm Kiefer**. 2014.

¹⁷ Mas o que aconteceu está feito. O passado é inatingível e imutável. [minha tradução]

84 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparatistas) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

GALLE, Helmut. Entre vítima e perpetrador: a identidade problemática da segunda geração pós-Shoá na Alemanha e a proposta do romance *O leitor*, de Bernhard Schlink. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, DF, n. 29, p. 153-164, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127092010>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

HÄRTLING, Peter. **Nachgetragene Liebe**. Munique: Luchterhand, 1980.

HENISCH, Peter. **Die kleine Figur meines Vaters**. Berlim: Fischer, 1975.

MECKEL, Christoph. **Suchbild: über meinen Vater**. Hamburgo: Claassen, 1980.

RAMALHEIRA, Ana Maria Pinhão. A iliteracia moral e política no Terceiro Reich e o trauma da memória do Holocausto na geração do pós-guerra: “Der Vorleser” [O Leitor] (1995) de Bernhard Schlink. **Forma Breve**, [S.l.], n. 12, p. 371-388, 2015. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/3690>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SCHLINK, Bernhard. **A volta para casa**. Tradução de Claudia Abeling. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SCHLINK, Bernhard. **Das Wochenende**. Zurique: Diogenes, 2008.

SCHLINK, Bernhard. **Der Vorleser**. Zurique: Diogenes, 1995.

SCHLINK, Bernhard. Die Bewältigung von Vergangenheit durch Recht. In: SCHLINK, Bernhard. **Vergangenheitsschuld und gegenwärtiges Recht**. Frankfurt: Suhrkamp, 2002. p. 89-123.

SCHLINK, Bernhard. **Die Heimkehr**. Zurique: Diogenes, 2006.

SCHLINK, Bernhard. **Guilt about the Past**. Toronto: House of Anansi Press, 2009.

SCHLINK, Bernhard. **O fim de semana**. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SCHLINK, Bernhard. **O leitor**. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SCHLINK, Bernhard. **Olga**. Zurique: Diogenes, 2018.

SCHWAIGER, Brigitte. **Wie kommt das Salz ins Meer?** Wien: Paul Zsolnay, 1977.

VENTURA, Susana Ramos. A guerra acabou ontem e Berlim fica logo ali: dois passeios pelo muro. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n. 46, p. 139-147, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/view/14>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

WOLFFHEIM, Franziska. **Neues von Bestsellerautor Bernhard Schlink: Ach, Olga, du bist zu gut!** Spiegel Online, [S.l.], jan. 2018. Disponível em: <http://www.spiegel.de/kultur/literatur/bernhard-schlink-was-taugt-olga-der-neue-roman-des-der-vorleser-autors-a-1187283.html>>. Acesso em: 10 jul. 2019.